



**FACULDADE DO ESPÍRITO SANTO
CURSO DE PEDAGOGIA**

**GABRIELA PREIRA DA SILVA
LUIZ FILIPE DAVIDE SILVA
MARCIA SOARES DOS SANTO**

**PEDAGOGIA HOSPITALAR E A DIFICULDADE PARA ATUAÇÃO POR FALTA DE
CONHECIMENTO DO TEMA, E A RELAÇÃO DA EQUIPE MULTIDISCIPLINAR DO
HOSPITAL PROFESSOR JOSÉ MARIA DE MAGALHÃES NETO – HPJMMN**

**EUNÁPOLIS - BA
2023**

GABRIELA PREIRA DA SILVA
LUIZ FILIPE DAVIDE SILVA
MARCIA SOARES DOS SANTO

**PEDAGOGIA HOSPITALAR E A DIFICULDADE PARA ATUAÇÃO POR FALTA DE
CONHECIMENTO DO TEMA, E A RELAÇÃO DA EQUIPE MULTIDISCIPLINAR DO
HOSPITAL PROFESSOR JOSÉ MARIA DE MAGALHÃES NETO – HPJMMN**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Pedagogia, da Faculdade do Espírito
Santo, em cumprimento às exigências para a
obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Alberto Barbosa

**EUNÁPOLIS - BA
2023**

GABRIELA PREIRA DA SILVA
LUIZ FILIPE DAVIDE SILVA
MARCIA SOARES DOS SANTO

**PEDAGOGIA HOSPITALAR E A DIFICULDADE PARA ATUAÇÃO POR FALTA DE
CONHECIMENTO DO TEMA, E A RELAÇÃO DA EQUIPE MULTIDISCIPLINAR DO
HOSPITAL PROFESSOR JOSÉ MARIA DE MAGALHÃES NETO – HPJMMN**

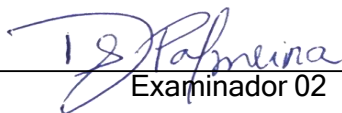
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Carlos Alberto Barbosa



Examinador 01



Examinador 02

**EUNÁPOLIS – BA
2023**

DEDICATÓRIA

*Dedicamos esse trabalho a nossa
família, amigos, professores, todas as
crianças atendidas em estágio
hospitalar e, principalmente, a Deus.*

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradecemos à Deus por ser essencial em nossas vidas, autor do nosso destino, socorro presente nas horas das angústias, pela força e coragem durante toda esta longa empreitada acadêmica.

À nossas famílias, por sua capacidade de acreditar e investir em nossos estudos, pelos cuidados, dedicação, segurança e certeza de que não estamos sozinhos nessa caminhada, lutando sempre pela nossa felicidade e conquistas.

Àos nossos companheiros que são um verdadeiro presente de Deus, sempre nos deu forças quando tudo parecia difícil e sempre acreditou em nossa capacidade

Ao orientador, professor Dr. Carlos Alberto Barbosa, que com muita paciência e atenção, dedicou do seu tempo para nos orientar neste trabalho, além disso tanto nos inspirou para que nos tornemos torne profissionais melhores a cada dia. Professor Carlos, seus ensinamentos têm ultrapassado os limites do profissional. Ao longo do curso e desses mais de três anos de convivência aprendemos a ser mais que educadores, o senhor é um dos grandes responsáveis por isso. Não temos palavras para descrever o tamanho do nosso carinho e da nossa gratidão.

Nosso muito obrigado por toda a competência, ética e compreensão, pois, durante este processo de formação, nutriu cautelosamente nossos passos rumo à nossa futura atuação. Aos nossos professores do curso de Pedagogia que contribuíram muito para o processo da nossa formação.

Aos meus amigos, colegas do curso, que se fizeram presente em nossa vida, uns com mais intensidade, outros nem tanto, mas que de qualquer forma contribuíram cada um com sua parcela para nossa formação, enquanto conhecimento e valorização pessoal e profissional.

Muito obrigada a todos vocês!

EPIGRAFE

"O nascimento do pensamento é igual ao nascimento de uma criança: tudo começa com um ato de amor. Uma semente há de ser depositada no ventre vazio. E a semente do pensamento é o sonho. Por isso os educadores, antes de serem especialistas em ferramentas do saber, deveriam ser especialistas em amor: intérpretes de sonhos."

(Rubens Alves)

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso evidencia a Pedagogia Hospitalar cujo o principal geral foi evidenciar q pedagogia hospitalar e a dificuldade para atuação por falta de conhecimento do tema, e a relação da equipe multidisciplinar do Hospital Professor José Maria de Magalhães Neto – HPJMMN. A pesquisa surgiu da inquietação para responder ao seguinte questionamento: Como as crianças e adolescentes internados nos hospitais estão concluindo os ciclos da educação básica - Infantil e Médio? Fora realizada por intermédio deste questionamento, elencamos o seguinte objetivo geral: Compreender a dificuldade e a importância da execução e continuidade do processo de ensino-aprendizagem para crianças e adolescentes durante o período de hospitalização. Como objetivos específicos tivemos: Conhecer a história da pedagogia hospitalar; Descrever a importância do pedagogo no contexto hospitalar; Identificar as habilidades e competências necessárias para atuação do pedagogo hospitalar; Identificar os desafios enfrentados pelo pedagogo hospitalar. Trata-se, portanto, de um estudo com abordagem qualitativa voltada para a pesquisa de campo e para entrevistas não estruturadas realizadas com a equipe multidisciplinar que se prontificaram a participar da pesquisa e os pacientes e seus responsáveis. Em linhas gerais os resultados apontam incisivamente na direção da importância que a pedagogia hospitalar exerce nos hospitais, auxiliando muitas vezes no tratamento clínico da criança/paciente. Espera-se que o presente trabalho possa contribuir de alguma forma para a superação dos desafios que se colocam diante do setor na contemporaneidade, de forma a maximizar todos os benefícios da pedagogia hospitalar em larga escala. Sendo possível ainda perceber a necessidade de mais contribuições científicas em consonância com a pedagogia dentro do ambiente hospitalar, de maneira que esse atendimento se torne efetivo e com qualidade.

Palavras-chave: Pedagogia Hospitalar. Educação Infantil. Unidade Hospitalar.

SUMMARY

This course completion work highlights the Hospital Pedagogy whose main general was to show that hospital pedagogy and the difficulty to act due to lack of knowledge of the subject, and the relationship of the multidisciplinary team of the Hospital Professor José Maria de Magalhães Neto - HPJMMN. The research arose from the concern to answer the following question: How are children and adolescents admitted to hospitals completing the cycles of basic education - Kindergarten and High School? Out of this questioning, we listed the following general objective: Understanding the difficulty and importance of implementing and continuing the teaching-learning process for children and adolescents during the hospitalization period. As specific objectives we had: Knowing the history of hospital pedagogy; Describe the importance of the pedagogue in the hospital context; Identify the skills and competences necessary for the performance of the hospital pedagogue; Identify the challenges faced by the hospital pedagogue. It is, therefore, a study with a qualitative approach focused on field research and unstructured interviews carried out with the multidisciplinary team that volunteered to participate in the research and the patients and their guardians. In general terms, the results point incisively towards the importance that hospital pedagogy has in hospitals, often helping in the clinical treatment of the child/patient. It is hoped that this work can contribute in some way to overcoming the challenges facing the sector in contemporary times, in order to maximize all the benefits of hospital pedagogy on a large scale. It is still possible to perceive the need for more scientific contributions in line with pedagogy within the hospital environment, so that this service becomes effective and with quality.

Keywords: Hospital Pedagogy. Child education. Hospital Unit.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	15
2.1 PEDAGOGIA HOSPITALAR: aspectos históricos, conceitos e definições	15
2.2 PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO AMBIENTE HOSPITALAR.....	21
2.3 PEDAGOGIA HOSPITALAR NO BRASIL	26
2.4 PEDAGOGIA HOSPITALAR EM SANTA CRUZ CABRÁLIA	28
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	30
3.1 PESQUISA DE CAMPO	30
3.2 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS E AMOSTRA PESQUISADA.....	30
4 ANÁLISE DOS DADOS	32
4.1 ENTREVISTA COM AS MÃES/ACOMPANHANTES	32
4.2 ENTREVISTA REALZADA COM OS PACIENTES (ALUNOS).....	34
4.3 ENTREVISTA COM O PROFISSIONAL DA EQUIPE MÉDICA DO HPJMMN	36
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	42
7 APÊNDICES	45

1. INTRODUÇÃO

São varios os motivos que levam ao adoecimento; por exemplo as sequelas da má alimentação o sedentarismo, aliado a maus hábitos favorecem o adoecimento da população, principalmente a população mais vulnerável e com baixa imunidade. Falando sobre essa população vulnerável a doenças, encontra-se as crianças, por sua vez esse estudo privilegia as crianças e adolescentes que são acometidos por doenças que exigem tratamento à base de internações de médio e longo prazos. Em virtude da faixa etária escolar, necessitam de acompanhamento pedagógico no hospital evitando não serem prejudicado nos estudos¹.

Assim, essa pesquisa surge da inquietação para responder ao seguinte questionamento: Como as crianças e adolescentes internados nos hospitais estão concluindo os ciclos da educação básica - Infantil e Médio? Assim como uma maneira de responder a esse questionamento, elegemos o seguinte objetivo geral: Compreender a dificuldade e a importância da execução e continuidade do processo de ensino-aprendizagem para crianças e adolescentes durante o período de hospitalização. E visando dá conta desse objetivo geral elencamos os seguintes objetivos específicos: Conhecer a história da pedagogia hospitalar; Descrever a importância do pedagogo no contexto hospitalar; Identificar as habilidades e competências necessárias para atuação do pedagogo hospitalar; Identificar os desafios enfrentados pelo pedagogo hospitalar.

O interesse por esse tema surgiu quando em visita à unidades hospitalares foi observado crianças nternadas sem nenhum tipo de ensino ou orientação pedagogica. Assim nós levou a ter curiosidade sobre a relação entre a prática é a ação que vai além dos limites físicos da sala de aula, e o modo inclusivo de como o educador irá , organizar-se e planejar os conteúdos que são trabalhados com as crianças hospittalizadas

A importância dessa pesquisa ocorre em virtude de analisar como são desenvolvidas as práticas pedagógicas dos educadores no hospital. Dessa maneira, os resultados obtidos podem contribuir à reflexão acadêmica acerca da relevância das práticas pedagógicas hospitalares, em prol da educação inclusiva dos pacientes internados por meio do processo de ensino.

Esse Estudo de Caso, de natureza qualitativa, foi realizada nas dependências do Hospital Professor José Maria de Magalhães Neto - HPJMMN, cujo sujeito investigado foi um aluno/paciente sendo uma criança e/ou adolescente, dois familiares

acompanhantes da criança e/ou adolescente, e um profissional da equipe médica do hospital. Os instrumentos utilizados para a obtenção dos dados foram: observação e questionários. A proposta dos questionários foi que relatassem as suas principais acerca do entendimento sobre a educação básica e suas práticas pedagógicas no contexto hospitalar. A observação realizada permitiu conhecer atos, a dinâmica espontânea dos indivíduos, suas práticas e seu cotidiano. Possibilitou aprofundar a compreensão do fenômeno investigado. Os dados coletados na observação foram registrados no Diários de Campo.

Para uma melhor visualização do leitor, esse trabalho divide-se em três capítulos, além das referências, apêndice e anexo. No primeiro capítulo foram abordados os aspectos introdutórios do estudo. No segundo capítulo, abordou-se a Pedagogia Hospitalar, evidenciando seus aspectos históricos, conceitos e definições; bem como as práticas pedagógicas no ambiente hospitalar.

No terceiro capítulo aborda-se a Pedagogia Hospitalar no Brasil e no Município de Santa Cruz Cabralia, bem como as dificuldades e desafios encontrados, além disso esclarece sobre os procedimentos metodológicos da execução da pesquisa. Ainda trata da análise dos dados coletados nesse estudo. E, por sua vez, privilegia as considerações finais do estudo. E, por fim, apresenta-se as referências e os apêndices utilizados para a construção desse Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Vale ressaltar que a pesquisa possibilita conhecer um pouco dos aspectos históricos da Pedagogia Hospitalar, tanto em âmbito internacional quanto nacional, além de compreender como são realizadas as práticas pedagógicas hospitalares, principalmente no hospital HPJMMN, e qual a verdadeira importância dela para vida e auxílio da recuperação das crianças/adolescentes hospitalizadas.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 PEDAGOGIA HOSPITALAR: aspectos históricos, conceitos e definições

Começando a discussão e conceituação acerca da Pedagogia Hospitalar, faz-se necessário compreender a etimologia ⁽¹⁾ do termo Pedagogia, segundo o Dicionário Aurélio de língua Portuguesa, é a “teoria e ciência da educação e do ensino”. Desde do período da Grécia antiga existia vestígios conceituais de Pedagogia ⁽²⁾.

A pedagogia desenvolveu-se por um lado ligada à filosofia, elaborada em função da ética que guia a atividade educativa, no sentido empírico a pedagogia é entendida como formação para a vida, reforçando o aspecto metodológico presente na etimologia da pedagogia como meio, caminho para a condução da criança [...] a pedagogia se desenvolveu em íntima relação com a prática educativa, constituindo-se como a teoria ou ciência dessa prática sendo, em determinados contextos, identificada com o próprio modo intencional de realizar a educação ⁽³⁾.

A história da educação no contexto atual tem enfrentado desafios inerentes às necessidades sociais. Pode-se afirmar ainda que o campo da Pedagogia vem sofrendo relevantes evoluções, bem como fomentando diversas perspectivas e nuances, enquanto ciência norteadora, devido suas constantes mudanças ⁽¹⁾. Deste modo, no que tange à amplitude e às possibilidades da atuação do pedagogo, novos processos educativos se configuram neste cenário educacional, a exemplo o espaço pedagógico que vem sendo construído denominado Pedagogia Hospitalar, que requer novos olhares, no que se refere ao papel do pedagogo e à educação inclusiva – para além da educação escolar formal e tradicional ^(2,3).

Os primórdios da Pedagogia Hospitalar ocorreram nas primeiras décadas do século XX, inicialmente na Europa, em virtude do surgimento de estudos e a realização de algumas atividades educativas nos ambientes hospitalares, os quais assim podem ser considerados, em virtude do que, atualmente, conhece como Classe Hospitalar ⁽³⁾. Foi na França, em 1929, que a primeira classe escolar no contexto hospitalar foi implementada, por Marie Louise Imbert – professora de Filosofia e fundadora da primeira associação em defesa da escolarização de crianças e adolescentes doentes ^(3,4).

A classe hospitalar teve, de fato, seus primeiros sinais em 1935, em Paris, quando Henri Sellier inaugurou a primeira escola, a fim de realizar o atendimento junto a crianças que estavam fora de seu ambiente costumeiro. “Seu exemplo foi seguido

assim em outros países como Alemanha, e em toda França, na Europa e nos Estados Unidos, com o objetivo de suprir as dificuldades escolares de crianças tuberculosas”
(4)

A partir da iniciativa Henri Sellier, no ano de 1935, com o pensamento de diminuir os prejuízos e as dificuldades de aprendizagem, assim inaugurou-se a primeira escola para crianças inadaptadas, próximo a Paris. E, desta maneira, as classes hospitalares começaram a se expandir para outros países ⁽⁴⁾. Com essa perspectiva de expansão, pode-se considerar a implantação de classes escolares no ambiente hospitalar, instauradas durante a Segunda Guerra Mundial, como sendo o maior marco histórico e decisivo para a popularização dessa prática pedagógica. Em decorrência da guerra, muitas crianças e adolescentes foram atingidas ou afetadas e, com isso, ficaram impossibilitadas de irem à escola ^(4,5).

Segundo esse raciocínio, “O grande número de crianças e adolescentes atingidos, e mutilados e impossibilitados de ir à escola, fez criar um engajamento dos médicos, que hoje são defensores da escola em seus serviços.” ⁽¹⁾ Diante do exposto, no ano 1939, a partir de todo este contexto escolar, em um ambiente hospitalar foi criado o Centro Nacional de Estudos e de Formação para a Infância Inadaptadas (CNEFEI), como objetivo de formar professores para o trabalho em institutos especiais e em hospitais na região de Paris. Até o início de 2017, formaram-se mais de mil professores para as classes hospitalares, cerca de 30 professores a cada turma ^(1,2).

O CNEFEI tem como missão até hoje mostrar que a escola não é um espaço fechado. O centro promove estágios em regime de internato dirigido a professores e diretores de escolas; os médicos de saúde escolar e a assistentes sociais. A Formação de Professores para atendimento escolar hospitalar no CNEFEI tem duração de dois anos. [...] Hoje todos hospitais públicos na França tem no seu quadro 4 professores: dois de ensino fundamental e dois de ensino médio. Cada dupla trabalha em expedientes diferentes de segunda a sexta. ⁽⁶⁾

Respeitando este percurso histórico, na década de 1940 foi criada a associação Animation, Loisirs à L'Hôpital (Animação, Lazer no Hospital). Em 1980 foi fundada a Associação para a Melhoria das Condições de Hospitalização das Crianças (APACHE), vinculada à *European Association for Children in Hospital* (ECA) – Associação Europeia para Crianças em Hospital, que reúne várias entidades no país, em defesa dos direitos das crianças e adolescentes internados ⁽⁶⁾.

A APACHE possui um recurso humano com mais de três mil professores, dentre eles profissionais da Educação Nacional, voluntários, além de professores aposentados, cujo objetivo institucional é disponibilizar, às crianças e aos adolescentes hospitalizados, um atendimento pedagógico durante a internação e também o período de alta, ou seja, antes da volta ao convívio escolar ⁽⁷⁾.

Na Espanha a preocupação com o atendimento pedagógico hospitalar era relativamente recente, por meio da Lei n. 13, de sete de abril 1982, que estabeleceu assim as bases, atualmente, denominadas de classes hospitalares. No seu Art. 29 dispõe que ⁽⁷⁾:

Todos os hospitais tanto infantis quanto de reabilitação, e também aqueles que tiveram serviços pediátricos permanentes, da administração do Estado, dos órgãos Autônomos dela dependentes, da segurança social, das comunidades autônomas e das corporações locais, assim como os hospitais particulares que regularmente ocupem, no mínimo, a metade de suas camas com doentes cuja instância e atendimento médico dependam de recursos públicos, terão que contar com uma seção pedagógica para prevenir e evitar a marginalização do processo educacional dos alunos em idade escolar internados nesses hospitais ⁽⁷⁾.

Além disso, posterior a esta Lei, por meio do Decreto n. 334, de seis de março de 1985, sobre ordenamento e planejamento da educação especial, em sua disposição adicional segunda, afirma que ⁽⁸⁾:

As administrações educacionais poderão entrar em acordo com as instituições de saúde públicas, tanto infantis como de reabilitação, e também com aqueles que tenham serviços pediátricos permanentes, para o estabelecimento das dotações pedagógicas necessárias para prevenir e evitar a marginalização do processo educacional das crianças em idade escolar que estão internadas nelas ⁽⁸⁾

Ainda baseado nesse recorte de uma perspectiva histórica, o documento da *Carta da Criança Hospitalizada de Portugal*, de 2000, inspirada nos princípios da *Carta Europeia da Criança Hospitalizada*, aprovada pelo Parlamento Europeu, em 1986, demonstrava as preocupações com projetos de humanização nos hospitais e, bem como, com o bem-estar da criança hospitalizada e seus respectivos aspectos educativos⁽⁸⁾.

O princípio sete da Carta de Portugal propõe que o “[...] hospital deve oferecer às crianças um ambiente que corresponda às suas necessidades físicas, afetivas e educativas, quer no aspecto do equipamento, quer no de pessoal e da segurança.”⁽⁹⁾. Diante do exposto, torna-se pertinente afirmar que, a trajetória da Pedagogia Hospitalar passou por grandes mudanças. Observa-se no contexto por meio do percurso histórico apresentado, uma preocupação por parte dos países citados, na busca de garantir o direito de aprendizagem das crianças e dos adolescentes hospitalizadas ⁽¹⁾.

Observa-se que, ao passar do tempo, houve a necessidade de um olhar mais humanizado, mediante as reflexões aludidas acerca dos atendimentos hospitalares para tal público (crianças e adolescentes)⁽²⁾. Além disso, vale ressaltar que, entre estas mudanças, o período de internação e os horários de visitas foram estabelecidos, em razão de melhor acompanhamento possibilitando minimizar traumas e sofrimentos

vividos pelas crianças e adolescentes, durante este período de hospitalização.

A "Pedagogia pode postular o educativo propriamente dito e ser ciência integradora dos aportes das demais áreas. Isso significa que, embora ela não ocupe lugar hierarquicamente superior às outras ciências da educação, tem um lugar diferenciado", e, inclusive, "é uma ciência independente que se preocupa em estudar as teorias da prática educativa concreta" (2,3).

A Pedagogia objetiva perceber como funcionam as práticas pedagógicas. Assim logo, o pedagogo precisa ser capaz de atuar em vários departamentos das práticas educativas, ou seja, na educação informal, não-formal e formal, sempre buscando conciliar a teoria com a prática (7,8). "O campo de ação do profissional formado em Pedagogia é tão amplo quanto são as práticas educativas na sociedade e em todo lugar no qual existir uma prática educativa com caráter de intencional, existe a Pedagogia".

A partir da leitura e estudos realizados sobre as definições de Libaneo (1998), pode-se entender que educação não se restringe somente aos espaços escolares, ela está muito além dos limites dos muros da escola. A educação está em todos os lugares, seja para ensinar, aprender ou para aprender-e-ensinar (8).

Corroborando com essa argumentação teórica, o autor, afirma que:

A pedagogia é aquela parte do saber que está ligada à razão que não se resume à razão instrumental apenas, mas inclui a razão enquanto razoabilidade; racionalidade que nos possibilita o convívio, ou seja, a vigência da tolerância e, mesmo, do amor (8).

Assim, pensando numa forma de educação diferenciada, que pudesse atender um público fora do ambiente escolar, começou-se a discutir sobre a Pedagogia Hospitalar (9). A Pedagogia Hospitalar é um novo campo de atuação para o pedagogo, no qual pode atuar tanto no ambiente hospitalar quanto nos domicílios, cuja finalidade é proporcionar um atendimento pedagógico eficaz, além de restaurar suas interações sociais ao dar continuidade nos estudos das crianças e adolescentes que se encontram afastadas da escola por estarem enfermas durante muito tempo, ou até mesmo á mencionado após a alta hospitalar ma que necessite de cuidados em casa antes de serem liberados pra o ambiente escolar novamente (9,10).

A Pedagogia Hospitalar que também é conhecida como classe hospitalar, possibilita aos pedagogos novos desafios e novas possibilidades no desenvolvimento e construção da sua identidade profissional. Compreende-se que (11):

A Pedagogia Hospitalar, é aquele ramo da Pedagogia, cujo objeto de estudo, investigação e dedicação é a situação do estudante hospitalizado, a fim de que continue progredindo na aprendizagem cultural, formativa e, muito especialmente, quanto ao modo de enfrentar a sua enfermidade, com vistas ao autocuidado e à prevenção de outras possíveis alterações na sua saúde (11).

A Pedagogia Hospitalar visa gerar uma condição de vida melhor para as crianças e adolescentes hospitalizados. É importante ressaltar que as classes hospitalares não podem ser vistas como salas de aula comum, mas devem ser um espaço aconchegante, acolhedor, alegre e colorido - um ambiente capaz de fazer a criança e o adolescente esquecer de todos os traumas e sofrimentos vivenciados durante o período em que encontra-se internado ⁽¹²⁾.

A Pedagogia Hospitalar aponta, ainda, mais um recurso contributivo a cura. Favorece a associação do resgate, de forma multi/inter/transdisciplinar, da condição inata do organismo, de saúde e bem está, ao regaste da humanização e da cidadania ⁽¹³⁾.

Em virtude desses pacientes estarem internados num hospital a sua vida social, escolar e cultural fica sem continuar existindo ⁽¹³⁾. Além da situação de debilidade física, esse isolamento também pode contribuir para desestimular o paciente. Nessa perspectiva, a Pedagogia Hospitalar exerce uma função que vai além do contexto educacional, pois resgata a sensação de não está parado no tempo ^(13,14).

Os profissionais que atuam nessa área passam por grandes desafios, um deles é desmitificar que o hospital é um lugar assustador, apenas de dor e sofrimento, para elas, sendo que o campo de atuação precisar ser um espaço que acima de tudo cause inspiração de vida, fazendo até mesmo com que esqueçam o ambiente em que se encontram ⁽¹⁵⁾.

A rotina elaborada pelo pedagogo hospitalar exige que tenha desenvoltura e improviso para atender adequadamente a demanda dos pacientes internados, pois o hospital representa um ambiente que, a princípio, não favorece o processo de ensino-aprendizagem ⁽¹⁵⁾. No entanto, com a prática e a sensibilidade para realizar um atendimento educacional individualizado, as barreiras são superadas e consegue-se realizar um bom trabalho pedagógico pensando nas necessidades básicas de mudanças repentinas de elaboração e atuação do plano pedagógico ⁽¹⁶⁾.

É preciso, pois ressignificar a concepção do hospital, como apenas um cenário asséptico, para vislumbrar um espaço onde a vida acontece, onde é aceito tudo o que faz parte da vida. A passagem da criança neste espaço permitirá o surgimento de outra: mais autônoma, aparelhada para a elaboração de relação consigo mesma, experienciando diferentes formas de afeto com os outros e com o mundo que a cerca ⁽¹⁷⁾

No intuito de favorecer a situação escolar das crianças e adolescentes durante o tempo de internação, implantaram-se as classes hospitalares e as respectivas ações de pedagogia dentro das pediatrias e enfermarias, essas ações estão ligadas ao⁽¹⁸⁾:

[...] estímulo e continuidade dos seus estudos a fim de que não percam seu curso e não se convertam em repetentes, ou venham a interromper o ritmo de aprendizagem, assim, dificultando, conseqüentemente, a recuperação desua saúde⁽¹⁸⁾.

Diante disto, observa-se que para dar continuidade dos estudos desses educandos é essencial, principalmente, na construção da sua identidade e da sua visão crítica sobre a sociedade e para evitar a evasão escolar que é o que mais acontece nos dias de hoje, por que ao passar muito tempo hospitalizados, essas crianças adolescentes, sentem-se incapazes de acompanhar os conteúdos e as atividades e como consequência disso eles excluem-se e acham que não fazem mais parte daquela turma ou daquele grupo da escola, ocasionado assim, a evasão escolar^(18,19).

A pedagogia hospitalar é um ramo da educação que proporciona à criança e ao adolescente hospitalizado uma recuperação mais aliviada, por meio de atividades lúdicas, pedagógicas e recreativas. Além disso, previne o fracasso escolar, que nesses casos, é gerado pelo afastamento da sala de aula onde ordinariamente estuda^(8,10,20). O paciente/educando pode ser prejudicado na vida escolar em virtude de seu tratamento de saúde, tendo em vista que ele precisa dar continuidade a sua vida sociocultural, para contribuir positivamente com o objetivo de não ficarem atrasados nos estudos em relação à sua faixa etária^(05,20,21).

Assim o educando ao receber o atendimento pedagógico hospitalar, realizado de acordo com a sua necessidade específica e um trabalho educacional desenvolvido em conjunto com a equipe da unidade hospitalar, favorece o resgate da confiança e segurança das crianças e adolescentes internados, em virtude de retornarem ao contexto escolar, fazendo com que eles não enfrentem tantas dificuldades para acompanhar os andamentos dos conteúdos propostos na sala de aula, pois mesmo internos o desenvolvimento do ensino e aprendizagem foram assim mantidos^(3,21,22).

O profissional que atende os alunos hospitalizados precisa ter um olhar humanizado e possuir modos diferentes de ministrar sua aula. Desta forma é relevante que atue a partir de projetos e atividades diferenciadas⁽⁹⁾.” A educação deve olhar a criança como um todo, conhecendo o seu contexto e não apenas como educando, pois o meio onde a criança está inserida pode influenciar o seu processo de aprendizagem”⁽¹¹⁾.

O pedagogo que escolhe trabalhar na área da Pedagogia Hospitalar precisa estar apto a vivenciar novos desafios, especialmente em relação à construção de novos saberes; pois devem auxiliar no processo de ensino-aprendizagem das crianças e adolescentes com necessidades especiais, pois a enfermidade no seu período de internação se torna um obstáculo à prática pedagógica.⁽²³⁾

Tal condição requer um fazer e um agir que não devem estar vinculados a processos estanques, deixando o educador livre para desenvolver e criticar a sua ação pedagógica, a fim de fazê-la reflexiva e transformadora da realidade que envolve o escolar atendido em contexto hospitalar ⁽²³⁾.

É de importância que o pedagogo tenha um olhar sensível, habilidade e seja flexível para adequar-se às atividades a partir da necessidade do aluno, para assim, contribuir com a eficácia e a qualidade do processo de ensino-aprendizagem das crianças e adolescentes em atendimento e assistência hospitalar ⁽²⁴⁾.

2.2 PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO AMBIENTE HOSPITALAR

As ações pedagógicas dentro do ambiente hospitalar deve estar alinhada aos seguintes questionamentos: como é possível haver uma ação pedagógica dentro de um ambiente hospitalar? e de que maneira isso vai ajudar uma criança ou adolescente enfermo, visto que o ambiente em que ela se encontra é um espaço onde a dor e o sofrimento é algo constante?⁽⁸⁾

Nessa perspectiva, perceber-se como é importante o trabalho em conjunto da educação e saúde, tendo em vista os benefícios que podem ocasionar na vida de uma criança e de um adolescente hospitalizado ^(12,25).

Observa-se que a continuidade dos estudos, paralelamente ao internamento, traz vigor às forças vitais da criança ou (do adolescente) hospitalizada, como estímulo motivacional, introduzindo-os, a se tornarem mais participante e produtivo, com vistas a uma efetiva recuperação ⁽²⁵⁾.

Algumas ações contribuem para a eficácia do processo de ensino-aprendizagem dos alunos enfermos, em virtude de a continuidade ao aprendizado no período de internação ser um direito garantido por lei. No primeiro contado com o pedagogo hospitalar, mesmo que ainda não haja confiança nem uma afinidade, o aluno conhecerá um pedagogo diferente do que ele tem vivenciado ao ambiente hospitalar ⁽³⁾.

A primeira ação que o pedagogo hospitalar deve ter, com a criança ou o adolescente hospitalizado, é fazer um estudo de caso sobre a situação da saúde do paciente. Essa ação pode ser realizado através do seu prontuário, de conversas com a equipe hospitalar e a anamnese ⁽²⁾. "O conhecimento da realidade da criança/adolescente hospitalizado e as medidas preventivas que se façam necessárias são, portanto, pontos determinantes e decisivos também, do ato pedagógico que vai se definir a partir destes aspectos" ⁽¹⁴⁾.

O pedagogo pode visitar as enfermarias antes de iniciar os atendimentos, tendo

por objetivo observar se existe alguma criança nova e investigar quanto tempo elas permaneceram internadas, afim de planejar atividades para elas. Assim em seguida, o pedagogo convida a criança para ter uma aula, ou ouvir uma história, pois é importante sempre respeitar a vontade da criança e do adolescente.

Fazendo necessário ressaltar que a prática educativa, antes de qualquer coisa, deve possibilitar a esses alunos momentos de descontração, bem-estar, interação, compartilhamento e conquista de novos conhecimento, mesmo no ambiente hospitalar. Essas orinetações podem ser realizadas com atividades lúdicas e variadas, fazendo assim, com que eles preencham o tempo, desliguem-se do mundo exterior e fiquem menos ansiosos pela alta médica e irem para casa ^(11,18).

O hospital-escola constitui-se num espaço alternativo que vai além da escola e do hospital, haja vista que se propõe a um trabalho não somente de oferecer continuidade de instrução. Ele vai além, quando realiza a integração do escolar hospitalizado, prestando ajuda não só na escolaridade e na hospitalização, mas em todos os aspectos decorrentes do afastamento necessário do seu cotidiano e do processo, por vezes, traumático da internação. O conhecimento da realidade da criança/adolescente hospitalizado e as medidas preventivas que se façam necessárias são, portanto, pontos determinantes, também do ato pedagógico que vai se delinear a partir destes aspectos ⁽²⁵⁾.

Os periodos/horarios das aulas devem ser escolhidos e divididos de acordo com os atendimentos pedagógicos hospitalares, sendo constituído de forma diferente da sala de aula regular. O professor tem que se dispor a está entre classe (o espaço onde é realizado o atendimento) e leito, esses atendimentos são realizados através de dois procedimentos de escolarização ⁽²⁶⁾.

A Hospitalização Escolarizada que consiste no atendimento personalizado ao escolar doente, respeitando seu momento de doença e considerando a situação de escolaridade, como, também a sua procedência. [...] E a Classe Hospitalar conforme a nomenclatura, oferece atendimento conjunto de forma heterogenia, isto é, toma todas precauções acima citadas, porém atende a diversos escolares em uma classe ou sala de aula no hospital, de forma entregadora, não atendendo cada escolar especificamente.

Nesses casos de atendimentos realizados nos leitos, as aulas não podem ser longas em virtude do cansaço e das limitações do aluno entendendo sua enfermidade, então as aulas devem variar de vinte a trinta minutos, dependendo do entusiasmo e da condição da criança e do adolescente ^(17,25). Essa aula pode ser realizada por meio de uma contação e interpretação de histórias, visto que essa ação pode estabelecer laços afetivos e de companheirismo entre os alunos e os pedagogos ou contadores. Pois, este é o momento no qual, a história vai estimular a imaginação desses alunos, fazendo com que eles saiam um pouco daquele momento de sofrimento, dor e tristeza ^(26, 27).

Os educadores têm a missão de ajudar seus alunos a definir seus pensamentos limitadores, a reconhecer e a comunicar seus medos e seus verdadeiros sentimentos e desejos, pois o educador também é um grande atuante na formação de sua personalidade ⁽²⁷⁾.

O Objetivo do pedagogo hospitalar deve ser levar a literatura para o ambiente hospitalar, favorecendo assim que a criança fique mais tranquila e calma, deve além de tudo, promover seu bem-estar, e a partir desses momentos ocasionar melhoras À sua educação de modo a não afetar em sua saúde, que já segue fragilizada ⁽¹⁹⁾. Por outro lado, na classe hospitalar as aulas podem ser um pouco mais longas e desenvolvidas em aproximadamente duas horas. Porém não muito longas, para que as atividades não se tornem cansativas, visto que os alunos estão hospitalizados e não se encontram com sua saúde plena ^(20,28).

As atividades pedagógicas no contexto hospitalar, na sua grande maioria das vezes, são iniciadas de maneira lúdica para proporcionar aos alunos interno um momento de descontração, por meio de atividades diversificadas e utilizando materiais diversos, que podem ser: vídeos, livros, jogos, brincadeiras livres, fantoches, pintura, artesanatos, teatro ^(17, 29).

FIGURA 01: Prática pedagógica hospitalar com jogos e brincadeiras.



Fonte: Pesquisa direta, 2022.

Observa-se que a atuação pedagógica em um ambiente hospitalar vai contribuir para afastar os medos e as angústias, e também para que os alunos aceitem melhor a situação na qual se encontram ⁽¹¹⁾. Vale destacar que, para haver o sucesso e eficácia nesse processo de atuação e desenvolvimento da aprendizagem e da saúde, é essencial que haja uma interação e uma colaboração entre os professores, alunos, pais-responsáveis e os profissionais que atuam no ambiente hospitalar ⁽¹⁵⁾.

Essa interação é importante para que não haja nenhum desconforto ou desrespeito à regra do hospital quando for realizado o planejamento das aulas ⁽²³⁾.

Importante é fazer com que o aluno não se sinta sozinho, pois todos nós sabemos que o ser humano não foi feito para viver isolado do mundo, e por isso, precisamos interagir com as outras pessoas. E são essas relações que fazem o ser humano crescer e desenvolver, e principalmente, no caso das crianças e dos adolescentes, o desenvolvimento de percepção, cognitivo, motor, comunicação e afetivo. Por isso, faz-se importante a presença não só dos pais e de outros familiares, mas também a do educador, sempre mostrando que todos estão ao seu lado ⁽²³⁾.

O planejamento e as metodologias aplicados no ambiente hospitalar são os maiores desafios que o pedagogo hospitalar pode vivenciar, em virtude da alta rotatividade dos alunos e por ser um ambiente no qual os alunos já encontram-se fragilizados. Por isso, o planejamento é feito para cada aluno diferentemente e não pensando em uma sala de aula comum, ou seja em um coletivo ⁽³⁰⁾. Assim, o pedagogo que decidir atuar na área hospitalar deve possuir várias habilidades de ensino para poder lidar com essas especificidades, além de ter a percepção e a consciência de que o trabalho não pode ser contínuo, é necessário concluir o atendimento no mesmo dia por conta da rotatividade, sempre pensando numa possível alta, ou transferência, pois a totalidade de situações são diversas ^(30,31).

Para um efetivo atendimento pedagógico-educacional hospitalar, é importante estar ciente e exercitar a premissa de que cada dia de trabalho na classe se constrói com atividades que têm começo, meio e fim quando desenvolvidas ⁽³¹⁾.

O planejamento dessas aulas deve ser pautado no conhecimento antecipado do paciente internado, adquirido desde do primeiro contato. Dessa forma a aula deve basear-se em algo que o aluno gosta ou que tenha algum significado para ele, devem ser atividades recreativas e escolares nas áreas das linguagens, matemáticas, história, geografia e ciências que promovam e facilitem o ajustamento sócio emocional ^(28, 31). Tendo atenção a capacidade de entendimento e cognitivo do aluno. Desse modo assim gerar um relaxamento e entusiasmo de querer construir algo, para que tenham o desenvolvimento do ensino e aprendizagem dos seus alunos ⁽²⁵⁾.

O trabalho de escola hospitalar, ao mesmo tempo em que focado nos objetivos e vinculados aos conteúdos a desenvolver, deve ser adequado às necessidades e aos interesses dos alunos, provendo também, uma série de possíveis alternativas a fim de que, qualquer que seja o imprevisto que aconteça na sala de aula, tais momentos possam ser aproveitados como se fossem “deixas”, ousando-se a ir com os alunos por caminhos que, embora

não estivessem planejados, possam provocar mudanças no seu processo de desenvolvimento e aprendizagem ⁽²⁵⁾.

Desse modo o pedagogo hospitalar tem que está muito bem preparado na hora da aplicação desses conteúdos, principalmente caso aconteça alguma eventualidade, o que pode acontecer de modo comum; pois ele deve contornar a situação sem que haja nenhum prejuízo no processo de ensino-aprendizagem dos alunos internos e no seu plano e desenvolvimento de plano de aula ^(1,2,5,7). Por outro lado, outro grande desafio para essa ação do pedagogo é lidar com os familiares e acompanhantes dos alunos internados. Levando em consideração que a maioria deles estarão acompanhando o aluno no momento do atendimento. Sendo assim importante que o pedagogo tenha um olhar sensível e humanizado na hora de realizar o planejamento ^(17,23,28).

O pedagogo pode envolver os acompanhantes para que eles participem das atividades, gerando uma interação maior entre o aluno o acompanhante ou familiar e o pedagogo ou levar algo específico para eles ^(1,31). O intuito é também levar a eles um pouco de distração, bem-estar e esperança, visto que a maioria já sem encontram há muito tempo neste ambiente vivendo todos os traumas e sofrimentos juntamente de seus pacientes internos, além de também estarem longe do convívio familiar, trabalho e até de outros filhos, algumas vezes até mais novos ⁽³²⁾.

Os conteúdos educacionais definidos devem ser integrados de forma interdisciplinar, para que um assunto ou tema possa interligar sem perder o foco. Contudo, a avaliação não deve pautada em notas, mas sim de forma contínua e processual, cujos registros do desempenho do aluno são os relatórios ^(9,11).

Sabemos que a avaliação de qualquer trabalho, não se excluindo daí aquele desenvolvido nas escolas hospitalares, é um processo que está presente no transcorrer de toda e qualquer atividade desenvolvida, e não apenas ao seu final, como que apenas checando o que a criança foi capaz de reter, e que poderia ser erroneamente considerado como o real conhecimento por ela adquirido ⁽¹¹⁾.

O objetivo da avaliação descritiva é mensurar as observações e os diagnósticos adquiridos na educação construtiva. O paciente interno deve ser avaliado em virtude de sua evolução pedagógica, em virtude dele está interno e não precisar de uma avaliação classificatória, que prioriza uns e exclui outros, comumente recorrente nos espaços escolares formais, cuja avaliação é um recurso utilizado pelo professor como uma forma de punir, reprovar ou passar de ano, sem levar em conta as dificuldades e, inclusive, sem ao menos, tentar perceber ou refletir se aquele método avaliativo teve algum significado para o processo de ensino-aprendizagem do aluno ^(8,14).

A avaliação da aprendizagem na escola tem dois objetivos: auxiliar o educando no seu desenvolvimento pessoal, a partir do processo de ensino-aprendizagem, e responder à sociedade pela qualidade do trabalho educativo realizado ⁽¹⁴⁾.

A avaliação descritiva do pedagogo, no ambiente hospitalar, deve pautar-se numa ação pedagógica que produza uma aprendizagem significativa para o aluno; favorecendo a possível reflexão da construção de conhecimento pelo mesmo no qual ele está vivenciando no seu momento de internação e, com isso, contribuir para ampliara sua leitura. No entanto, o pedagogo deve procurar aprimorar e adaptar, constantemente, suas práticas educativas com determinada criança/adolescente, avaliando os prós e os contras de acordo com a demanda ^(33, 34).

2.3 PEDAGOGIA HOSPITALAR NO BRASIL

Em nosso cenário nacional, as primeiras experiências de ações pedagógicas em hospitais correram por volta do ano 1950, no Estado do Rio de Janeiro. O primeiro hospital a realizar tal atendimento foi um hospital público infantil, o Hospital Municipal Jesus, em 14 de agosto de 1950, que teve como primeira professora Lecy Rittmeyer ^(1,4)

Esta data simbolizou um marco na história da Pedagogia Hospitalar no Brasil. Somente após oito anos, é que foi possível concretizar ainda mais as práticas pedagógicas no território brasileiro, a professora Ester Lemes Zaborowski foi colocada no mesmo hospital para, também, desenvolver projetos pedagógicos com as crianças hospitalizadas ^(3,11).

Somente, após a iniciativa do estado do Rio de Janeiro, outras Unidades Federativas (UF) também passaram a oferecer ações educativas em ambientes hospitalares, como por exemplo, o Hospital Barata Ribeiro que, em sua fundação, no ano de 1960, mesmo sem o apoio do Estado, contando assim, apenas, com o apoio da equipe de direção do hospital, passou a inserir no cotidiano da rotina das crianças e dos adolescentes hospitalizados atendimentos pedagógicos ^(13,15).

Dessa forma é importante salientar que, sob a legislação no Brasil, houve o reconhecimento da necessidade de um acompanhamento e auxílio pedagógico no âmbito hospitalar, através do Estatuto da Criança e do Adolescente Hospitalizado (ECAH), através da Resolução nº. 41, de outubro de 1995, no item 9 (nove), que diz que é direito da criança e do adolescente “ [...] desfrutar de alguma forma de recreação, programas de educação para a saúde, acompanhamento do currículo escolar durante sua permanência hospitalar” ^(2,8,9).

Indo mais a diante, sob esta mesma perspectiva de relação entre o ensino formal

e o contexto hospitalar, citamos a proposta na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), (MEC, 1996), a qual preconiza que toda criança e adolescente hospitalizado, disponha das oportunidades possíveis, a fim de que os processos de desenvolvimento e aprendizagem não sejam suspensos. Sendo estes, documento de nuances, estratégias e de orientações para o atendimento nas classes hospitalares, favorecendo o acesso à educação básica ^(11,15,19).

A realização desse levantamento mencionado por Fonseca ocorreu graças aos profissionais e colaboradores que realizaram atendimentos pedagógicos hospitalares, em prol da legitimação e garantia do direito dessas crianças e adolescentes a continuarem estudando mesmo no ambiente hospitalar ^(31, 35).

A atualização realizada em maio de 2015 evidenciou o quantitativo de hospitais no Brasil: 143 classes hospitalares distribuídas por 19 estados e no Distrito Federal conforme a listagem apresentada: Região Norte – total 10 hospitais com escolas; Região Nordeste – total de 23 hospitais com escolas; Região Centro-Oeste – total 24 hospitais com escolas; Região Sudeste- total de 52 hospitais com escolas e Região Sul- total de 19 hospitais com escolas ^(17,30).

As crianças e adolescentes têm o direito, assegurado por lei, de uma educação de qualidade. Deste modo, tal direito é garantido, também, os impossibilitados de frequentar a escola, incluindo os que se encontram hospitalizados. A legislação da pedagogia hospitalar de âmbito nacional, surgiu em 1969 (Lei n. 1044/1969, art.1). Este documento tem por finalidade assegurar o direito da criança e do adolescente serem atendidos, não importando o ciclo^(1,2).

Por sua vez, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), instituído por meio da Lei n.8069/1990, assegura o direito criança e do adolescente, com algum tipo de deficiência ou impossibilitado a frequentar à escola, receberem atendimento especializado ⁽³⁵⁾. Esta Lei preconiza que a educação inclusiva, por compreender que ultrapassa os limítrofes geográficos escolares. Ora, a Resolução, nº 2, do Conselho Nacional de Educação (CNE), de 11 de setembro de 2001, que institui as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica, revoga que ^(7,8):

os sistemas de ensino integrados ao sistema de saúde, devem organizar o atendimento educacional especializado, principalmente, se o aluno se encontra impossibilitado de frequentar as aulas, em razão de tratamento de saúde. Ainda, advoga que a Classe Hospitalar é a responsável pela educação deste aluno durante o período de afastamento das atividades escolares regulares, bem como, de sua reintegração ao sistema escolar ⁽¹³⁾.

O MEC, no ano de 2002, através de sua Secretaria de Educação Especial, elaborou um documento com estratégias e orientações para atendimento nas classes hospitalares. Este documento foi criado com intuito de fazer com que as crianças e os

adolescentes internos ou com necessidades educacionais especiais tivessem o acesso à educação básica, determinando crianças e os adolescentes internos ou com necessidades educacionais especiais tivessem o acesso à educação básica ^(17,28).

Compete ressaltar que, de acordo com este referido documento, o atendimento escolar hospitalizado, por meio da classe hospitalar ou do atendimento pedagógico domiciliar, segue o modelo de educação inclusiva, sendo, portanto, uma modalidade de ensino que se enquadra nos ideais da Educação Especial ²⁵⁾. O hospital é um espaço que necessita de um pedagogo hospitalar pois muitas crianças e adolescentes perdem o ano letivo por estarem hospitalizados, pensando neste problema o pedagogo deve atuar neste espaço onde as situações de aprendizagem fogem do ambiente escolar. No hospital, as crianças são ignoradas como alunos e vistas somente como pacientes ^(28, 36).

2.4 PEDAGOGIA HOSPITALAR EM SANTA CRUZ CABRÁLIA

No município de Santa Cruz Cabralia - Bahia, o número de pacientes em faixa etária escolar é pequeno, conforme os registros da unidade, no entanto ainda sim ocorre internações de menores na unidade. Até o presente momento a unidade não realiza a pedagogia hospitalar o que por exemplo poderia ser realizado por meio da atuação de um projeto de extensão de Atendimento Psicopedagógico e Pedagógico.

A cidade de Santa Cruz Cabralia ainda não fornece esse tipo de atendimento no âmbito hospitalar, o que tem como objetivo oferecer às crianças e aos adolescentes hospitalizados, a oportunidade de vivenciar atividades pedagógicas e psicopedagógicas, direcionadas ao resgate da escolarização. Os atendimentos pedagógicos não são realizados, assim as crianças e adolescentes hospitalizados não tem acesso as atividades pedagogicas que podriam ser desenvolvidas no ambito do hospital. Os alunos (pacientes), são atendidos apenas em sua necessidade patologica, ficando assim a educação para um outro possivel momento.

O hospital Professor José Maria de Magalhães Neto - HPJMMN é um espaço que necessita de um pedagogo hospitalar pois muitas crianças e adolescentes perdem o ano letivo por estarem hospitalizados, pensando neste problema o pedagogo deve atuar neste espaço onde as situações de aprendizagem fogem do ambiente escolar. No hospital, as crianças são ignoradas como alunos e vistas somente como pacientes.

Assim surge em um contexto onde a Pedagogia Hospitalar nunca foi aplicada, assim compreender a dificuldade e a importância da execução e continuidade do processo de ensino-aprendizagem para crianças e adolescentes durante o período de

hospitalização torna-se ainda maior onde essa aplicação nunca foi realizada, provando assim que é difícil aplicar a Pedagogia Hospitalar.

Embora pode-se observar que todo menor hospitalizado tem direito de dar continuidade ao ensino escolar, mesmo no ambiente hospitalar, uma vez que várias leis e documentos regulamentam e asseguram estes direitos. Ora, "a pedagogia hospitalar mostra, portanto, que é um processo de educação organizada que transcende aos parâmetros usualmente adotados".

Desta maneira, ao refletir sobre o exposto, diante de todas as diretrizes institucionalizadas aludidas, que regem o sistema de ensino e assegura o direito das crianças e dos adolescentes hospitalizados, bem como norteia a atuação do pedagogo, frente à esta realidade, pode-se afirmar que é direito de toda criança e todo adolescente ter melhores oportunidades pedagógicas e condições escolares no contexto hospitalar.

Ora, a equipe multidisciplinar deve atuar nos hospitais para que todos os pacientes hospitalizados, principalmente criança e adolescentes sejam tratadas integralmente, na sua totalidade, e se o hospital puder ofertar o olhar da pedagogia ao longo das internações, curtas ou duradouras, será de suma relevância aos pacientes ao enfermo e, assim como, às famílias/acompanhantes.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este, presente trabalho de pesquisa abordou a avaliação prática pedagógica hospitalar no Hospital Professor Jose Maria de Magalhães Neto - HPJMMN no município de Santa Cruz Cabralia na Bahia. A caracterização da pesquisa, o campo de pesquisa, os instrumentos utilizados, os sujeitos investigados e a análise de dados. Foi feito primeiramente um levantamento bibliográfico, com fontes secundárias, da literatura acadêmica tornada pública em relação ao tema de estudo, em prol de um melhor entendimento. Baseando-se em autores que discutem sobre a prática pedagógica em hospitais, este levantamento se deu através de estudos em livros e artigos científicos ⁽⁵⁾.

No segundo momento, realizamos um Estudo de Caso, de natureza qualitativa, através de observações e questionários pedagógicos hospitalar. A abordagem qualitativa pode ser conceituada como sendo:

[...] procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. A pesquisa desenvolve-se por um processo constituído de várias fases, desde a formulação do problema até a apresentação e discussão dos resultados ⁽⁵⁾.

Posteriormente, foi necessário realizar uma pesquisa documental para esclarecer os aspectos legais da Pedagogia Hospitalar. Vale ressaltar, que esse estudo também representa uma Pesquisa-Ação, pois os pesquisadores atuam com conhecimento da prática pedagógica hospitalar no HPJMN.

3.1 PESQUISA DE CAMPO

Esse trabalho foi realizado no HPJMMN, inaugurado em 2000 e localizado no as margens da BR 367 no bairro Mutary, no município de Santa Cruz Cabralia-BA. É o hospital de porte médio de esfera pública municipal e vinculada ao atendimento de urgência e emergência, sendo realizada também internações.

3.2 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS E AMOSTRA PESQUISADA

A temática desse estudo foi desenvolvida e apoiada por uma abordagem qualitativa, em que se busca uma compreensão particular daquilo que se estuda,

objetivando compreender e interpretar o objeto investigado, ou seja, a prática pedagógica hospitalar e as dificuldades dos professores para seu desenvolvimento a partir das observações e questionários que foram realizados e aplicados com a amostra pesquisada.

Os instrumentos utilizados para a realização da pesquisa foram: observação e questionário semiestruturado (Apêndice A). A observação, pelo fato de possibilitar uma melhor compreensão e fornecimento de informação mais objetivas sobre o tema em estudo, por ser de relevância para futuras práticas pedagógicas em hospitais, permitindo a possibilidade de registrar e analisar as práticas metodológicas desenvolvidas por estes profissionais da educação.

Como a unidade não utiliza-se desse meio da prática pedagógica hospitalar o questionário foi aplicado aos pais de crianças que estavam internadas e profissionais da unidade, onde foram considerados aspectos que são importantes para perceber como é necessário o desenvolvimento das práticas pedagógicas. A proposta dos questionários foi que relatassem as suas principais percepções acerca do entendimento sobre a relevância da Pedagogia Hospitalar.

Enfim, todos os processos metodológicos da pesquisa pretenderam buscar dados predominantemente qualitativos, cujos sujeitos investigados foram dois alunos/pacientes sendo uma criança e um adolescente, dois familiares acompanhante da criança e do adolescente e uma profissional da equipe médica do HPJMMN.

4 ANÁLISE DOS DADOS

4.1 ENTREVISTA COM AS MÃES/ACOMPANHANTES

A compreensão sobre o verdadeiro papel do pedagogo hospitalar e do atendimento oferecido aos pacientes internos, é algo essencial à pesquisa, principalmente pelos indivíduos envolvidos nesse processo, em virtude da compreensão favorecer uma análise adequada a respeito da prática pedagógica realizada com crianças e adolescentes hospitalizados. Essa compreensão talvez não seja clara, em consequência da Pedagogia Hospitalar ser uma área de atuação menos explorada pelos profissionais da área.

No decorrer do período de observação no HPJMMN, percebeu-se que a maioria dos familiares/acompanhantes dos pacientes internos desconhecem a função do pedagogo hospitalar, e também que seus filhos possuem direitos garantidos por lei para receber os atendimentos pedagógicos enquanto estiverem hospitalizados.

Para obter informações concludentes sobre o ponto de vista das mães/acompanhantes dos pacientes internados, foram entrevistadas duas mães. Quando questionadas se antes da hospitalização do seu filho, elas sabiam da existência de atendimento pedagógico no hospital, elas relataram o seguinte: "Não sabia, soube através dos estudantes que vieram até a enfermaria" (MÃE A); "Não sabia, só fiquei sabendo quando teve a visita dos estudantes de pedagogia na enfermaria" (MÃE B).

Os relatos das duas mães evidenciam que nenhuma delas tinha o conhecimento sobre o atendimento pedagógico hospitalar. Apesar dessa prática ter começado no Brasil desde o ano de 1950, notou-se que poucas pessoas têm conhecimento dessa ação. Diante disso percebemos que longo é o caminho que a pedagogia hospitalar ainda necessita percorrer.

Uma outra questão direcionada às entrevistadas foi em relação ao número de vezes que o filho (a) delas foram internos: "Ele já foi interno 4 vezes só que em outro hospital (MÃE A); "Ela foi interna 07 vezes" (MÃE B). Os períodos de internação representam os maiores problemas quando se trata da vida da criança/adolescente, pois vai causar muitas mudanças na sua rotina, além de tira-la do convívio familiar, também vai distanciar dos seus amigos. E com certeza essas alterações bruscas e

inesperadas vão interferir no seu desenvolvimento sócio- emocional e educacional.

O não atendimento pedagógico hospitalar no HPJMMN evidencia que a internação não é algo que afeta apenas as crianças/adolescentes, mas toda estrutura familiar, uma vez que a maioria dos familiares se sentem culpados por nem sempre dá a assistência ou a atenção necessária ao seu filho(a), não por que querem mas por que necessitam tendo em vista que a maior parte dos sujeitos atendidos no HPJMMN são de comunidades carentes, municípios distantes e chegam até morar fora da cidade (sítios), muitas são mães solteiras que é caso das duas entrevistas, possuem pouca escolaridade e ainda tem mais de um filho.

Diante do exposto, as entrevistadas foram inquiridas sobre as preocupações em relação a educação de seu filho (a), tendo em vista o processo de hospitalização:

O tempo que ele passa fora da escola, no período de internação ele sempre perde muita aula, isso faz com que ele fique com o raciocínio mais lento e acaba prejudicando nas atividades (MÃE A); Todas possíveis por que já são quase dois meses sem aula (MÃE B).

Foi possível constar com os relatos, que mesmo com tantas dificuldades e a internação, os familiares se preocupam com a escolarização de seus acompanhantes, entendendo o quanto é importante eles estarem na escola.

4.2 ENTREVISTA REALIZADA COM OS PACIENTES (ALUNOS)

O processo de internação é algo muito complexo na vida uma pessoa, principalmente para crianças e adolescentes que ainda estão em constante transformação, em processo escolar e, por isso, pode trazer prejuízos e cicatrizes que vão durar a vida. Com o intuito entendermos melhor o que eles sentem quando estão hospitalizados, entrevistamos dois internos um menino de 08 anos (JOÃO), e uma adolescente de 14 anos (MARIA), optamos por manter os nomes em sigilo para preservá-las, identificando-os com nomes fictícios.

João é menino de 08 anos muito extrovertido, inteligente, uma das suas coisas preferidas é futebol, ele está cursando o 5º ano do ensino fundamental, amar ler livros e o seu maior sonho quando crescer é ser cozinheiro. Como todo menino da sua idade e com tantas tecnologias acessíveis ama jogos eletrônicos.

Enquanto Maria, como toda garota de sua idade, é uma adolescente cheia de expectativas e sonhos relacionados à vida, na culminância de seus 14 anos de idade vem cumprindo religiosamente todas as etapas do seu tratamento de saúde. Maria é muito bonita, inteligente e comunicativa a mesma está cursando o 7º ano do ensino médio, porém por recomendação médica ela vai ter que ficar sem ir para escola durante um período tratamento.

Ela mora em outro município e já ficou interna cinco vezes, por se tratar de uma doença crônica e que não tem cura apenas tratamento – Maria precisa ir e voltar ao hospital constantemente. Segundo sua mãe, a primeira internação teve início quando ela tinha apenas 2 anos de idade, cujo tratamento altera completamente a rotina de Maria, tendo em vista que ela mora em outro município e os efeitos colaterais dos medicamentos afetaram muito o seu lado emocional.

Os altos teores hormonais juntamente no período da sua adolescência ocasionaram muitas mudanças em seu corpo, ela se sente envergonhada com as mudanças que lhe ocorreram. É importante ressaltar que a pesar de todas as dificuldades desde que descobriu o diagnóstico ela tenta levar uma vida normal, e continua tendo sonhos e expectativas em relação a vida e seu futuro.

Em conversas informais durante os atendimentos, ao ser perguntada qual era seu maior sonho, ela respondeu “ser médica, quero ser médica para poder ajudar as pessoas que estão doentes como eu” (MARIA). Sua resposta evidencia a importância do preparo emocional que o pedagogo necessita ter para trabalhar em um ambiente hospitalar.

No momento da entrevista quando questionamos João e Maria se eles sabiam o motivo de estarem internos, ambos relataram que sim. Esse esclarecimento a respeito do diagnóstico, por mais difícil que seja as vezes é importante, pois vai ajudar evitar que eles fiquem imaginando e fazendo suposições errôneas, que possam afetar e interferir no tratamento.

Inclusive os dois foram questionados de como eles se sentem quando estão no hospital: “Quando eu estou lá no quarto fico chateado, não gosto de ficar deitado, não tem nada para fazer” (JOÃO); “Mal, acho um tédio por que sou muita imperativa, e quando estou no hospital não posso sair e em casa normalmente vou andar de bicicleta com meus primos” (MARIA).

Então perguntamos como eles se sentem por não poderem estar na sala de aula: “Triste, me lembro dos colegas que estão lá, eu aqui” (JOÃO); “Chateada eu gosto de

atividades, mas por estar aqui e não poder realizar que estou acostumada me deixei triste" (MARIA). Nesse contexto a tristeza e desânimo dos dois foram unânimes, cujo a falta de atendimentos pedagógicos hospitalares contribuíram negativamente na maneira com eles se sentem.

Quando questionados se estavam aprendendo algo no hospital eles relataram que: "Não, aqui não faço nada, os enfermeiros até bricam conosco, mas não é a mesma coisa" (JOÃO); "Não, aqui não tenho nada para leitura (MARIA).

Neste sentido, foi possível perceber como os atendimentos pedagógicos servem de estímulos, para autoestima, no processo educacional da criança/adolescente hospitalizada, cuja aprendizagem é significativa e marca a vida deles. Como a aluna Maria sempre vai e volta para o hospital poderiam ser realizadas com ela atividades bastante diversificadas, ao longo dos períodos de internação, da pedagogia hospitalar, mas isso se a unidade tivesse a inclusão da mesma.

Grandes são os traumas sofridos durante o tratamento, por isso são tão importantes a estimulação e o incentivo do profissional de educação pois ele vai ajudar os alunos através das atividades específicas e aprofundadas a superar os desafios, além de fazer com que eles consigam desenvolver outras habilidades e enxergar outras possibilidades fazendo assim como eles tirem alguma vantagem do processo de internação. Para finalizar as entrevistas perguntamos de que João e Maria sentiam mais falta depois que estavam aqui no Hospital: "Dos meus irmãos que estão em casa e de ir para escola" (JOÃO); "Da minha casa e das minhas amigas, das minhas aulas de matemáticas e da aula de arte" (MARIA).

As respostas de ambos demonstram o quanto é difícil o afastamento do núcleo familiar, como eles sentem falta desse convívio com a família e colegas de escola. Como se não bastasse ter que enfrentar em momentos de medo, ansiedade, frustração e tristeza que o período de internação.

4.3 ENTREVISTA COM O PROFISSIONAL DA EQUIPE MÉDICA DO HPJMMN

No HPJMMN, muitos profissionais que fazem parte da equipe de saúde reconhecem a importância do atendimento pedagógico hospitalar, bem como acreditam que a área da educação também faça parte da equipe interdisciplinar do

hospital, e consideram que as atividades pedagógicas realizadas, são de extrema importância que auxiliam na recuperação do quadro clínico da criança.

Para esclarecer melhor a compreensão e os pensamentos dos profissionais da equipe médica a respeito do processo educacional em um ambiente hospitalar, escolhemos como sujeito para participar da nossa pesquisa uma das médicas que presta atendimento no HPJMMN há 2 anos. P.M. M é formada em Medicina, com. A primeira questão direcionada a ela foi qual era a sua visão em relação a atuação do pedagogo no ambiente hospitalar:

“A presença do pedagogo aumenta ainda mais a possibilidades de um atendimento integral ao usuário do serviço. Quando uma pessoa chega ao hospital traz consigo toda sua história, inclusive escolar que esta correlacionadas com todas as demais (MÉDICA)”.

Foi possível perceber na fala da entrevista que a presença do pedagogo é de grande relevância pois podem propiciar a esses alunos internos outras oportunidades e possibilidades, valorizando a sua história de vida e o aprendizado que ele já possui. “A pedagogia hospitalar vem contribuir para inovação assistência clínica infanto-juvenil, nos seus múltiplos procedimentos trazendo muitos benefícios à criança e ao adolescentes hospitalizados” ⁽³²⁾. Mas, ao ser questionada sobre a importância do atendimento educacional às crianças/adolescentes hospitalizadas ela relata:

“Não há dúvidas! Toda e qualquer criança precisa ser vista na sua totalidade e se o hospital puder ofertar o olhar da pedagogia ao longo das internações, curtas ou duradouras, será de extremo ganho para as crianças assim como para as famílias (MÉDICA)”.

Diante do contexto, pode-se observar que realmente a equipe de saúde considera importante, o processo de escolarização hospitalar e acredita que ele pode oferecer diversos benefícios até mesmo no quadro clínico dos alunos/pacientes.

A partir da relação de afetividade, confiança e segurança estabelecida com o aluno/interno durante os atendimentos pedagógicos, e de um olhar mais direcionado e específico, o educador pode conseguir enxergar alguns detalhes não observados pelos outros profissionais da equipe de saúde, em virtude de:

Na Pedagogia Hospitalar, existe uma relação de afetividade e companheirismo entre professor e paciente com vistas ao seu reestabelecimento, interação e socialização. Assim, por meio desses

aspectos, não permita que seu estágio de fragilidade e enfermidade os impeçam de lutar pela sua saúde ⁽³⁵⁾.

Para concluir, inquiriu-se quais sugestões a mesma daria para melhorar a relação entre a equipe médica e a equipe pedagógica:

“A comunicação é ainda o maior desafio! A busca e a instancia por construir essa relação pode favorecer muito a evolução e a saúde dos pacientes. Um trabalho em conjunto com psicólogos e assistentes sociais principalmente podem facilitar ainda mais o período de internação desses pacientes (MÉDICA)”.

Diante de tudo que foi exposto percebemos como a equipe medica considera importante e como as práticas pedagógicas podem auxiliar na recuperação do quadro clinico dessas crianças/adolescentes.

Porém ainda existe grandes desafios a serem superados quanto a atuação multidisciplinar para assim de fato conseguir uma interação e resultados, mas efetivos no que desrespeito a escolarização e recuperação desses pacientes. “a reflexão sobre a experiência multi/inter/transdisciplinar e respectivas modalidades de orientação, junto a crianças e adolescentes hospitalizados, conduz a convicção da sua natureza terapêutica” ⁽³¹⁾.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização dessa pesquisa favoreceu a conhecer os aspectos históricos da Pedagogia Hospitalar, tanto em âmbito internacional quanto nacional, além de compreender como são realizadas as práticas pedagogias hospitalares e qual a verdadeira importância dela para vida e para o auxílio a recuperação das crianças/adolescentes hospitalizadas.

A Pedagogia Hospitalar é um campo de atuação para o pedagogo, exigido que sua atuação no ambiente hospitalar seja muito mais que um educador, pois o ambiente de educação informal requer um profissional ainda mais reflexivo, ou seja, um profissional com uma nova práxis educativa, objetivando um atendimento educacional que proporcione a continuidade da escolarização, por meio de atividades mais descontraídas e lúdicas, permitindo que o aluno esqueça um pouco de todos os traumas sofridos durante o período de hospitalização.

Grandes são os desafios e o caminho que a pedagogia hospitalar e sua ação precisa percorrer, uma vez que apesar de ter começando a muito anos atrás pouco se houve falar e poucos são os estudos e pesquisas na área. Enquanto estudantes do Curso de Pedagogia observamos em campo de estagio a necessidade de um profissional in loco que posso realizar as atribuições como Pedagogo Hospitalar, pois foi possível vivenciar em campo pratico experiências inesquecíveis e em cada atendimento pedagógico realizado me fez evoluir tanto como pessoa como profissional, por meio da união da teoria com a prática, de uma maneira um pouco diferente e desafiadora é verdade, porém muito gratificante. Desafiadora pois compreender a dificuldade e a importância da execução e continuidade do processo de ensino-aprendizagem para crianças e adolescentes durante o período de hospitalização é de fato algo real, a unidade que foi campo de pratica mostrou que a realidade é de fundamental importancia para as crianças e adolescentes em seu periodo de hospitalização, no entanto ainda não é realidade esse processo.

De fato essa situação comprova que é uma grande dificuldade estabelecer o processo de aprendizagem nas unidades hospitalar, embora seja notorio a importância da aplicação desse processo, observamos que não é facil a execução e continuidade desse processo de ensino -aprendizagem, é o principio é notado desde a sala de aula, onde não é conteudo programatico o tema: Pedagogia Hospitalar.

No início foi muito difícil pois nunca imaginávamos ser possível haver escolarização dentro de um ambiente hospitalar, porém a cada sorriso de uma criança e cada olhar que mesmo sem palavras, expressava tanto carinho, gratidão e alegria fomos vencendo todos os desafios, pois há não sensação melhor e maior que você fazer alguém que está passando por tantos momentos dolorosos, de ansiedade, medo, frustração sorrir.

A convivência e o aprendizado com essas crianças e adolescentes hospitalizados, mesmo que por um curto período, são experiências que vamos levar para nossa vida toda, porque elas que me incentivam a ser uma profissional melhor. Através das análises dos dados da pesquisa, podemos perceber como um olhar humanizado, o trabalho interdisciplinar e a interação entre todos os sujeitos envolvidos no tratamento da criança/adolescente são da mais alta relevância.

Mas, por outro lado, cabe destacar que para melhorar e aprimorar as práticas pedagógicas hospitalares, faz-se necessário algumas observações, tais como: uma adequação da matriz curricular acadêmica do curso de Pedagogia para capacitar e preparar os discentes a se tornarem pedagogos gabaritados à atuarem profissionalmente com a Pedagogia Hospitalar; investimento e estruturação para privilegiar a educação inclusiva no ambiente hospitalar; engajamento da equipe multidisciplinar em prol do atendimento integral dos pacientes hospitalizados, inclusive no tocante aos contextos educacionais/escolar, assim como também engajamento das Secretárias de Saúde dos Municípios para que a prática da pedagogia hospitalares deixe de ser apenas Lei e torne-se realidade.

Dessa forma, com este trabalho, destaca-se a necessidade de maiores contribuições para que o atendimento pedagógico-educacional dentro do ambiente hospitalar se torne efetivo e com qualidade, visto que se trata de um tema pouco explorado na formação acadêmica e pouco conhecido na sociedade de modo geral, sendo de grande importância para o campo de pesquisa e trabalho dos profissionais da educação, especialmente o pedagogo.

De modo pessoal, saber essa outra vertente da educação especial, que visa a atuação do pedagogo em ambientes hospitalares, que atende crianças e adolescentes internados, foi satisfatório. Eu percebi que o fato de levar o ensino diferenciado e especializados em ambientes não formais da educação, atuando de forma complementar, traz maior vigor e força a essas crianças e adolescentes.

E, por fim, como perspectiva futura, essa pesquisa sugere que se realizem estudos analíticos sobre o retorno à escola regular, após as internações, dos pacientes hospitalizados que foram contemplados com as práticas pedagógicas hospitalares, objetivando avaliar quais as dificuldades e facilidades os mesmos vivenciaram no processo de ensino-aprendizagem no convívio escolar.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BRANDÃO, Alessandra. Inclusão de alunos com síndrome de Asperger. **Educar FCE**. Volume 18, 132-138p. 2019.
2. BRASIL. **Constituição. Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. 35p. Brasília, 1988.
3. ARTIGO 5 da Lei nº 9.394 de 20 de Dezembro de 1996a. Publicada por Presidência da República (extraído pelo **Jus Brasil**) Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/topicos/11696233/artigo-5-da-lei-n-9394-de-20-de-dezembro-de-1996>. Acesso em: 14 jan. 2023.
4. ARTIGO 23 da Lei nº 9.394 de 20 de Dezembro de 1996b. Publicada por Presidência da República (extraído pelo **Jus Brasil**) Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/topicos/11693097/artigo-23-da-lei-n-9394-de-20-de-dezembro-de-1996>. Acesso em: 14 jan. 2023.
5. GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2017.
6. GONÇALVES, Sheila. **Construção de uma Proposta de Formação Continuada para Professores de Classe Hospitalar**. São Carlos (SP): Universidade Federal de São Carlos, 2013.
7. JESUS, Edna. **Desafios do Atendimento Pedagógico Hospitalar/Domiciliar em Goiás: Gênero e Docência no Olhar dos/as Agentes Envolvidos**. Goiânia (GO): Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2017.
8. BRASIL. **Decreto-lei nº 1.044, de 21 de outubro de 1969**. Dispõe sobre tratamento excepcional para os alunos portadores das afecções que indica. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del1044.htm. Acesso em: 06 dez. 2022.
9. BRASIL. Ministério da Justiça. Conselho Nacional da Criança e do Adolescente. **Resolução nº 41, de 13 de outubro de 1995**. Sobre os direitos das crianças e adolescentes hospitalizados. Brasília, 1995.
10. BRASIL. Secretaria de Educação Especial. **Classe Hospitalar e Atendimento Pedagógico**. Brasília: MEC; SEESP, 2002. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/livro9.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2020.
11. TEIXEIRA, Ricardo; TEIXEIRA, Uyara; SOUZA, Mário; RAMOS, Pedro. **Políticas de inclusão escolar: um estudo sobre a classe hospitalar no Brasil**. RBPAE - v.33, n. 2, p.421 - 447, mai./ago. 2017.
12. TINÓS, Lúcia; GONÇALVES, Sheila; FANTACINI, Isabella; VICCARI, Gabriella. Revisão sistemática sobre a publicação científica brasileira na base de dados scielo sobre pedagogia hospitalar. **Debates em Educação**. Vol. 10, nº. 20. 2018.

13. XAVIER, Thaís; ARAÚJO, Yana; REICHERT, Altamira; COLLET, Neusa. Classe hospitalar: Produção do conhecimento em saúde e educação. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, vol. 19, n. 4, pp. 611-622, out./dez. 2013.
14. YIN, Robert. **Pesquisa Qualitativa do início ao fim**. Porto Alegre. Ed. Eletrônica. Penso. 2016.
15. ZOMBINI, Edson. **Classe Hospitalar: uma estratégia para a promoção da saúde da criança**. São Paulo (SP): Universidade de São Paulo. 2011.
16. BRASIL. Lei n. **8.069**, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente. Brasília, 1990.
17. BRASIL. Lei n. **9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Presidente da República, 1996.
18. BRASIL. Decreto n. **3.298** de 20 de dezembro de 1999. Dispõe sobre a política nacional de integração da pessoa portadora de deficiência. **Presidência da República**. Casa Civil. Ministério da Educação, 1999.
19. CONANDA. Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (Brasil). Resoluções, junho de 1993 a setembro de 2004. Resolução n. **42**, de 13 de outubro de 1995. Secretaria Executiva do Conanda. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2004. 200 p.
20. CRUZ, Simone; ARAÚJO, Maria; ALENCAR, Luciana. Transporte de cabotagem no Portode Suape, Pernambuco: uma pesquisa exploratória. **Production**. Vol. 25, n. 3. São Paulo. julho/setembro, 2015.
21. MARTINS, G.; THEÓPHILO, C. **Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicadas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2016.
22. BRASIL. Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica. Resolução CNE/CBE nº **02** de 11 de setembro de 2001. Diário Oficial da União n. 177, Seção 1 de 14/09/01, pp.39-40. Brasília: Imprensa Oficial, 2001.
23. MOREIRA, Geraldo; SALLA, Helma. O Atendimento Pedagógico Domiciliar de alunos que não podem frequentar fisicamente a escola por motivos de saúde: revisão sistemática das investigações realizadas entre 2002 e 2015. **Revista Educação Especial**. v. 31, n. 60, p. 119-138, jan./mar. 2018.
24. OLIVEIRA, Éllen; SILVA, Verônica; FANTACINI, Renata. Pedagogia hospitalar: a brinquedoteca em ambientes hospitalares. **Research, Society and Development**, v. 1, n. 1, p. 88-104, jan-jul. 2016.
25. ORTIZ; L. C. M.; FREITAS, S. N. O currículo da classe hospitalar pioneira no Rio Grandedo Sul. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 39, n.2, p. 595-616, 2014.
26. SANTOS, Bruna; RODRIGUERO, Celma. A Atuação do Pedagogo na Ambiência Hospitalar: Perspectivas e Limites. **Revista Cesumar Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**. v. 17, n. 2, p. 425 – 444, jul/dez. 2012.

27. SILVA, Fabiane. **A pedagogia hospitalar no processo de inclusão da criança com necessidade educacional especial**. Universidade do Estado da Bahia: Salvador. 2011.
28. BRASIL. Ministério da Educação. **Classe hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar: estratégias e orientações**. Secretaria de Educação Especial. Brasília: MEC/SEESP, 2002.
29. BRASIL. **Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: MEC/SEESP, 2008.
30. BRASIL. Lei n. **13.005**, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação -PNE e dá outras providências. Brasília: Presidenta da República, 2014.
31. CODA, Roberto; CODA, Darly. Desempenho estratégico do departamento de gestão de recursos humanos: uma pesquisa exploratória acerca das implicações dos estilos comportamentais de seus profissionais. **Brazilian Business Review**. Vol. 11, n. 4. julho -agosto, p. 116-140. 2014.
32. MATOS, Elizete; MUGIATTI, Margarida. **Pedagogia Hospitalar: a humanização integrando educação e saúde**. Edição Digital. Petrópolis (RJ): Vozes. 2017.
33. MELO, Damaris; LIMA, Vanda. Professor na pedagogia hospitalar: atuação e desafios. **Colloquium Humanarum**. V. 12, n. 2. P. 144-152. abr/jun. 2015.
34. MICHEL, M. H. **Metodologia e pesquisa científica em ciências sociais: um guia prático para acompanhamento da disciplina e elaboração de trabalhos monográficos**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2015.
35. SILVA, Neilton; ANDRADE, Elane. **Pedagogia Hospitalar: Fundamentos e Práticas de Humanização e Cuidado**. Cruz das Almas (BA): UFRB. 2013.
36. SOUZA, Letícia; DIAS, Gleicieli; SILVA, Fabrícia; PERPÉTUO, Claudia. Pedagogia hospitalar: conceito e importância, frente aos direitos da criança hospitalizada. **EDUCERE -Revista da Educação**, Umuarama, v. 18, n. 1, p. 81-92, jan./jun. 2018.

7. APÊNDICES

APÊNDICE A – INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS QUESTIONÁRIO DE ENTREVISTA COM O PROFISSIONAL DA EQUIPE MÈDICA DO HOSPITAL



FACULDADE DO ESPÍRITO SANTO

CURSO DE PEDAGOGIA

Orientador: Profº. Dr. Carlos Alberto Barbosa

Pesquisadores: Gabriela Pereira Silva, Luiz Filipe David

Marcia Soares dos Santos

Pesquisa: **Pedagogia Hospitalar e a dificuldade atuar atuação por falta de conhecimento do tema, e a relação da equipe multidisciplinar do Hospital Professor José Maria De Magalhães Neto – HPJMMN**

IDENTIFICAÇÃO:

Nome: _____ Sexo: _____

Idade: _____ Profissão: _____ Especialização: _____

Tempo de atuação na área: _____

1. Qual a sua visão em relação a atuação do pedagogo no ambiente hospitalar?

2. Você considera importante na atualidade o atendimento educacional às crianças hospitalizadas?

Do ponto de vista clínico como você observa a interferência pedagógica no tratamento e recuperação da criança hospitalizada?

3. Existe de alguma forma a participação do profissional médico no que se refere ao atendimento pedagógico?

4. Qual a sua avaliação quanto à necessidade do atendimento pedagógico dentro do ambiente hospitalar?

5. Quais sugestões você daria para melhorar a relação entre a equipe médica e a equipe pedagógica?

APENDICE - B: ENTREVISTA COM FAMILIARES E ACOMPANHANTES DAS CRIANÇAS E ADOLESCENTES HOSPITALIZADOS (AS)



FACULDADE DO ESPIRITO SANTO

CURSO DE PEDAGOGIA

Orientador: Profº. Dr. Carlos Alberto Barbosa

Pesquisadores: Gabriela Pereira Silva, Luiz Filipe David

Marcia Soares dos Santos

Pesquisa: Pedagogia Hospitalar e a dificuldade atuar atuação por falta de conhecimento do tema, e a relação da equipe multidisciplinar do Hospital Professor José Maria De Magalhães Neto – HPJMMN

1. Nome: _____

2. Idade: _____ **3. Sexo:** a. masculino () b. feminino ()

4. Estado Civil: a. Solteiro/a () b. Casado/a () c. Separado/a () d. Outros _____

5. Nível de escolaridade do familiar:

a. () Ensino Fundamental Incompleto.

b. () Ensino Fundamental Completo.

c. () Ensino Médio Incompleto.

d. () Ensino Médio Completo.

e. () Ensino Superior Incompleto.

f. () Ensino Superior Completo.

g. Outro: _____

6. Tem filhos? a. sim () b. não ()

7. Quantos filhos têm?

a. () 1 b. () 2 c. () 3 d. () 4 e. () 5 f. () 6 ou mais.

8. Todos o(s) seu(s) filho(s) frequenta(m) a escola regularmente?

a. () sim. b. () não.

9. Se não, quanto(s) frequenta(m) a escola regularmente?

10. Qual etapa de escolarização seu(s) filho(a) frequenta?

11. Essa é a primeira hospitalização do seu filho?

a. () sim.

b. () não.

12. Se não, quantas vezes seu filho já foi hospitalizado?

13. Antes da hospitalização do seu filho, você sabia da existência de atendimento pedagógico no hospital?

a. () sim. b. () não.

14. Ao chegar ao hospital, como ficou sabendo da classe hospitalar?

15. Quais suas preocupações em relação a educação de seu filho (a), tendo em vista o processo de hospitalização?

16 - Para você, qual a importância de o hospital oferecer apoio educacional para as crianças e jovens?

17 - Você tinha conhecimento da oferta do acompanhamento pedagógico no hospital antes da internação do seu filho?

18 - Como você ficou sabendo da existência do Atendimento Pedagógico no HU?

19 - Você percebeu alguma mudança no comportamento do seu filho depois que ele passou a frequentar a classe hospitalar?

20 – Você gosta participar das atividades com seu filho? Se não o que você costuma fazer quando está recebendo atendimento pedagógico?

21 - Você acredita que esse trabalho dentro do hospital é importante?

22 - Não tenho mais perguntas relativas à pesquisa. Você gostaria de destacar algum aspecto que não foi tratado?

APÊNDICE C - ROTEIRO DE ENTREVISTA REALIZADA COM A ALUNA / PACIENTE



FACULDADE DO ESPÍRITO SANTO

CURSO DE PEDAGOGIA

Orientador: **Profº. Dr. Carlos Alberto Barbosa**

Pesquisadores: Gabriela Pereira Silva, Luiz Filipe David

Marcia Soares dos Santos

Pesquisa: **Pedagogia Hospitalar e a dificuldade atuar atuação por falta de conhecimento do tema, e a relação da equipe multidisciplinar do Hospital Professor José Maria De Magalhães Neto – HPJMMN**

1. Você sabe porque está aqui no Hospital?

2. O que você acha desse momento de aulas ?

Como você se sente quando está aqui ?

3. Qual a coisa que mais você sente falta depois que está aqui no hospital?

4. Você acha que está aprendendo aqui?

5. O que mais você gosta desse momento da aula ?

APÊNDICE D - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



FACULDADE DO ESPÍRITO SANTO

CURSO DE PEDAGOGIA

Orientador: **Profº. Dr. Carlos Alberto Barbosa**

Pesquisadores: Gabriela Pereira Silva, Luiz Filipe David

Marcia Soares dos Santos

Pesquisa: **Pedagogia Hospitalar e a dificuldade atuar atuação por falta de conhecimento do tema, e a relação da equipe multidisciplinar do Hospital Professor José Maria De Magalhães Neto – HPJMMN**

Esta pesquisa intitula-se, **Pedagogia Hospitalar e a dificuldade atuar atuação por falta de conhecimento do tema, e a relação da equipe multidisciplinar do Hospital Professor José Maria De Magalhães Neto – HPJMMN** e esta sendo desenvolvida por : Gabriela Pereira Silva, Luiz Filipe David e Marcia Soares dos Santos da Faculdade do Espírito Santo. Os objetivos da pesquisa são: Compreender a dificuldade e a importância da execução e continuidade do processo de ensino-aprendizagem para crianças e adolescentes durante o período de hospitalização, conhecer a história da pedagogia hospitalar; descrever a importância do pedagogo no contexto hospitalar; Identificar as habilidades e competências necessárias para atuação do pedagogo hospitalar; Identificar os desafios enfrentados pelo pedagogo hospitalar.

A sua participação na pesquisa é voluntária e, portanto, o (a) senhor (a) não é obrigado (a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo pesquisador (a). Caso decida não participar da pesquisa, ou resolver a qualquer momento desistir de participar, não sofrerá nenhum dano, prejuízo, nem haverá modificação na assistência que vem recebendo na Instituição (quando for o caso).

Para o desenvolvimento desta pesquisa serão executados os seguintes procedimentos:

- Aplicação de um questionário;
- Preenchimento de formulário na análise de fontes documentais

Não é previsto que você tenha nenhuma despesa na participação nesta pesquisa ou em virtude da mesma, todavia, caso você venha a ter qualquer despesa em decorrência de sua contribuição neste estudo, será plenamente ressarcido. Ressaltamos ainda que, no caso de eventuais danos acarretados pela sua participação no presente estudo, você será plenamente indenizado, conforme determina a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde (CNS/MS).

Solicito sua permissão, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos científicos e publicar em revista científica. Será garantida a privacidade dos dados e informações fornecidas, que se manterão em caráter confidencial. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em completo sigilo, nem serão utilizadas quaisquer imagens ou informações que permitam a sua identificação (caso a pesquisa for usar imagem, deve deixar claro no Termo, bem como a autorização para esta utilização).

O pesquisador (a) responsável estará a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Eu, ___, declaro que fui devidamente esclarecido

(a) e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento. Fica registrado, também, que tenho conhecimento de que essas informações, dados e/ou material serão usadas pelo (a) responsável pela pesquisa com propósitos científicos.

Santa Cruz Cabrália - BA, de ___ de ____

Assinatura do Participante da Pesquisa ou Responsável Legal

Assinatura do (a) Pesquisador (a) Responsável

A fotografia é uma velha aliada das pesquisas. Seu uso ganhou popularidade já no século XIX para retratar fenômenos, observar o comportamento de animais e humanos e outros eventos. Atualmente o uso da fotografia, como complemento e base para fins científicos, ainda é essencial para diversas áreas, como a biologia, a psicologia, a engenharia, o varejo e muitas outras.

Este recurso é empregado de várias formas no cotidiano das empresas. Um deles está no registro fotográfico. O Registro Fotográfico é um documento que muitos utilizam para acompanhar a execução de um trabalho, aliando texto e imagem aos seus formulários. Durante a coleta de dados, o responsável pelo trabalho, faz anotações e registra com fotos tudo o que está sendo desenvolvido, no momento em que o serviço está sendo realizado.

Saber o que é registro fotográfico, abre caminhos para entender as aplicações deste recurso.

